

ambiente

# Bolsonaro posta mais sobre economia na Amazônia do que preservação

Monitor da Folha sobre política ambiental passa a acompanhar redes sociais de autoridades

**DELTA FOLHA**

**SÃO PAULO** O presidente Jair Bolsonaro afirmou em discurso para líderes mundiais, no fim do mês passado, que tem orgulho da conservação da Amazônia. Análise de suas postagens em rede social mostram, porém, atenção maior a assuntos econômicos e relacionados a uma suposta ameaça à soberania na região do que preservação.

Também chamam a atenção os momentos em que o presidente mais fala sobre a floresta: o período seco da Amazônia, no qual o desmatamento e as queimadas são mais intensos e, consequentemente, há mais críticas internacionais e atenção da imprensa sobre o assunto.

A avaliação é do Monitor da Política Ambiental, parceria da Folha com a iniciativa Política Por Inteiro, que passa a monitorar os tuitos relacionados ao meio ambiente de mais de 350 autoridades e especialistas na área.

De forma automatizada, são extraídas e categorizadas em subgrupos as postagens no Twitter dessas contas que contenham palavras-chave relacionadas ao tema. Até a semana passada haviam

sido avaliados mais de 1,5 milhão de tuitos, publicados desde janeiro de 2019 (início do governo Bolsonaro).

Foram encontrados 344 tuitos do presidente ligados à área. O assunto a que ele mais dedicou atenção foi transporte (103), seguido de meio ambiente (68), uma categoria abrangente que considera 34 termos, como qualidade do ar, licença ambiental e impacto ambiental.

Os assuntos sobre os quais ele mais tuitou em seguida foram energia (63) e Amazônia (59)—uma mesma postagem pode ser classificada em mais de uma categoria.

Por ser um tema mais específico, o assunto Amazônia permitiu classificação adicional, feita manualmente pela reportagem. Desse 59 tuitos, 19 falavam sobre desenvolvimento econômico na região e 17 sobre soberania. Juntos (36), receberam mais atenção do que tuitos relacionados à preservação da região (28).

As menções de Bolsonaro à Amazônia têm concentração especial entre os meses de maio e setembro—18 tuitos sobre a floresta, tanto em 2019 quanto em 2020. Nesses períodos, os dados de desma-

tamento e de fogo na floresta, produzidos diariamente pelo Inpe, apontavam situações críticas nos dois anos.

Em 2019, por exemplo, o elevado número de queimadas em agosto (30.900 focos de incêndio) e setembro (19.925 focos) jogaram a atenção internacional e de todo o Brasil para a situação da floresta. Em 24 de agosto daquele ano, Bolsonaro tuitou: "Mais de 43 mil militares das Forças Armadas reforçam ações de combate a incêndios na Amazônia". A postagem, nesse caso, foi classificada como referente a preservação.

As publicações do presidente relacionadas à preservação, em geral, têm tom positivo ou mostram ações pontuais do governo. Outro tuit, de 13 de abril de 2021, diz: "Desmatamento na região da Amazônia Legal registrou queda de 19,15% entre agosto e março do biênio 2020/2021".

O espaço de tempo (agosto a março) escolhido para falar sobre redução não é costumeiramente usado. Por questões climáticas, o desmate costuma ser observado mensalmente (comparando-se ao mesmo mês do ano anterior) e no período entre ago-

sto de um ano e julho do ano seguinte—período usado para cálculo do Prodes, programa do Inpe que mede o desmate na Amazônia.

A postagem atribuía a redução à Operação Verde Brasil 2, pela qual os militares foram deslocados para combater o desmate. O tuit, porém, deixa de lado o período completo no qual o Exército esteve na floresta. Desde agosto de 2019, há presença das Forças Armadas na Amazônia, sem, de modo consistente, ter sido observada diminuição da devastação do bioma.

O vice-presidente e chefe do Conselho da Amazônia, Hamilton Mourão, é outro que costuma postar quando os dados de desmatamento apresentam queda em um mês.

As publicações de Bolsonaro sobre preservação não costumam ocorrer nos meses com desmate crescente ou recorde—como foram os casos de março e abril de 2021.

Nessas situações, desde 2019, as postagens priorizam acusações de que países estrangeiros estariam tentando interferir na soberania do país ou que os dados divulgados não seriam reais. Um exemplo é o tuit de 23 de agosto

de 2019: "O fogo que mais arde é o da nossa soberania sobre a Amazônia", classificado como referente a preservação e soberania.

Os tuitos sobre soberania se concentraram na época das queimadas de 2019, quando o país foi criticado por líderes mundiais, como Emmanuel Macron (França).

"Caso tivesse demarcado mais algumas dezenas de áreas indígenas e orientado pesadas multas nos produtores rurais, o mundo não estaria me acusando, falsamente, de destruir a Amazônia. Soberania da região e suas riquezas são o que, verdadeiramente, está em jogo", escreveu em 15 de agosto de 2019.

Apesar de ter sido tema importante durante seu mandato, a suposta ameaça à soberania brasileira na Amazônia não foi mencionada por Bolsonaro na cúpula convocada pelo presidente americano, Joe Biden, no mês passado. O brasileiro optou por um tom moderado.

Nas negociações com países desenvolvidos, o governo brasileiro tem defendido que precisa receber recursos internacionais que ajudem no combate ao desmatamento.

Entenda a metodologia usada em monitor

Para a análise da discussão sobre meio ambiente no Twitter, são consideradas mais de 350 contas de autoridades e de especialistas. Tuitos dessas contas que contenham palavras-chave selecionadas são separadas e catalogadas.

Posts que contenham em texto os termos "Amazônia" ou "Amazônia Legal", por exemplo, são separados e classificados no tema Amazônia.

Também é considerada uma lista de palavras que faz com que o tuit deixe de ser considerado na análise, para diminuir a chance de um tuit não relacionado ao meio ambiente seja incluído.

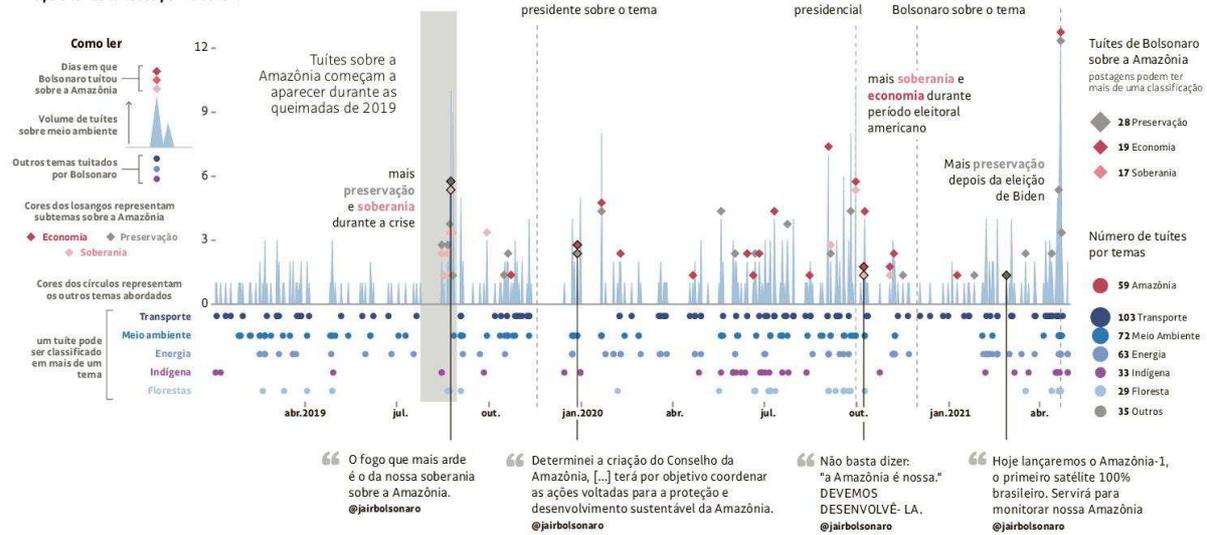
Por exemplo, se um tuit inicialmente selecionado para a análise por conter o termo "sustentabilidade" também possuir o termo "finança", ele será excluído, pois provavelmente é uma mensagem não de respeito ao meio ambiente, mas à economia. A reportagem adotou a estratégia conservadora por entender ser melhor ter mais segurança nos tuitos considerados.

O Monitor da Política Ambiental também conta com a extração dos atos oficiais do Executivo publicados no Diário Oficial. Também de forma automatizada, são separados os atos que contenham palavras-chave relacionadas ao meio ambiente. Especialistas do Política por Inteiro analisam esses atos. **Diana Yukari, Guilherme Garcia, Fábio Takahashi e Philippe Watanabe**

**Os tuitos de Bolsonaro sobre meio ambiente**

Presidente tem mais tuitos sobre economia e soberania na Amazônia, juntos, do que de preservação

**Principais temas tuitados por Bolsonaro**



**Principais temas tuitados pelos congressistas**



\*Partidos de esquerda: PSOL, PT, PCdoB, PDT, REDE, PSB, PV. Partidos de centro: MDB, PP, PROS, PSDB, PTB, REPUBLICANOS, SOLIDARIEDADE, AVANTE, CIDADANIA, DEM, PL, PODEMOS, PSC, PSD. Partidos de direita: PATRIOTA, NOVO, PSL. Fonte: Monitor da Política Ambiental, que analisa de forma automatizada contas de mais de 350 autoridades e especialistas no Twitter

# Tiroteio entre yanomamis e garimpeiros deixa 3 mortos em RR

**Fabiano Maisonnave**

**MANAUS** Três garimpeiros ilegais morreram em um ataque a uma comunidade yanomami nesta segunda (10), na comunidade indígena Palimú, às margens do rio Uraricoera,

em Roraima. A informação é do presidente do Conselho de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY), Junior Hekurari Yanomami. Segundo ele, que foi à tarde ao local de avião para buscar uma equipe de saúde, cinco

garimpeiros e um yanomami também ficaram feridos. O indígena levou um tiro de raspão e passa bem. Hekurari Yanomami disse que os garimpeiros levaram os corpos dos três mortos de volta ao acampamento ilegal.

Via ofício, a Hutukara Associação Yanomami relatou que sete barcos de garimpeiros chegaram ao local por volta das 11h30, iniciando um tiroteio que durou cerca de meia hora. "Solicitamos aos órgãos que atuem com urgência para im-

pedir a continuidade da espiral de violência no local", afirma ofício, enviado ao Ministério Público Federal, à Polícia Federal, ao Exército e à Funai. O confronto também foi comentado por garimpeiros em áudios de WhatsApp. Eles dis-

seram que o ataque foi feito pela "facção". Roraima é dominada pelo PCC. O Comando Militar da Amazônia (CMA), o Ministério Público e a Polícia Federal não responderam a reportagem até a conclusão desta edição.